



A memória em Foco: O uso da memória do cangaço a serviço do turismo na cidade de Mossoró/RN

The memory in Focus: The use of memory of Cangaço in the service of tourism in the city of Mossoró/Rio Grande do Norte

Antônio Robson de Oliveira Alves

Graduando em História

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

robson.ic@hotmail.com

Recebido em: 03/03/2017

Aprovado em: 25/08/2017

RESUMO: Este trabalho tem como fundamento buscar compreender os usos da memória do cangaço, perpassados pela produção da elite intelectual mossoroense na década de 1970 e 1980 que, com suas narrativas, contribuem na construção de um passado vultoso e célebre. Busca-se, também, entender como os lugares de memória em Mossoró/RN contribuem para o enobrecimento identitário dos munícipes desta cidade, assim como, as ações por parte do poder público no campo do turismo, visando um aumento na economia local e a manutenção de uma identidade permeada pelo constructo de “cidade da resistência”, fomentando assim os usos e desusos do passado.

PALAVRAS-CHAVE: Memória do cangaço, Turismo, Mossoró/RN

ABSTRACT: This work has as basis, search understand the uses from memory of the Cangaço, due of production of the intellectual mossoroense elite in the 1970's and 1980's, that with theirs narratives, contribute for construction of a past important and famous. To search, also, to understand as the places of memory in Mossoró/RN, contribute to the ennoblement identity of the inhabitants of this city, as well as, the actions on the part of the public power in the field the tourism, aiming at an increase in the local economy and the conservation of an identity pervaded by the construct of “city of resistance”, encouraging thus, the uses and disuses of the past.

KEYWORDS: Memory of Cangaço, Tourism, Mossoró/RN



Introdução

No ano de 1927, Mossoró/RN viveu um de seus momentos históricos mais marcantes: a resistência ao bando de Lampião e conseqüente expulsão desses do Estado do Rio Grande do Norte¹. Relembrar esse episódio tornou-se símbolo desta cidade, assim como um ícone que perfaz a identidade mossoroense. Destarte, a construção identitária deste povo firma-se na memória, no ato de preservar e guardar os estilhaços particulares, pequenos e muitas vezes até imperceptíveis do passado,² o qual é incessantemente revivido, fazendo parte indissociavelmente do presente, pois “o passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana”³. Dessa feita, o passado é um ato permanente e não está apático quanto ao presente. Todavia, quando nos reportamos a Mossoró e sua relação com seu passado, entendemos que o uso que é feito desse perpassa por desígnios do presente, engendrando, com isso, uma relação intrínseca entre passado e presente.

Com as turbulências do presente, vendo-se cada vez mais esquecida e distante do renome e destreza, Mossoró apropria-se do seu passado para conclamar seus munícipes a expandirem sua história além de seu território físico, levando consigo pujança em sua memória que passa a ser seu território de predileção, em detrimento de seu presente inerte e acrômico. O passado é, portanto, sua fortaleza e segurança. É nesse espaço temporal que se busca as heranças, tradições e até mesmo os sonhos dos seus antepassados, idealizando uma permanência e continuidade desse passado no presente, instituindo, nessa interação, ideários que buscam quebrar com as amarras do tempo, instaurando novos desígnios e sentimentos.

A criação de lugares que conservem a memória salienta uma preocupação maior: o esquecimento. Alguns acontecimentos do passado certamente não podem ser esquecidos, devem permanecer vivos no presente. Mesmo décadas, ou até séculos de distância temporal, não podem impedir que episódios de suma importância sejam apagados da memória. Ao contrário, estes contribuem para a construção da personalidade e identificação de um povo, os cedendo poder e pujança. Tal prerrogativa é notória, no caso de Mossoró, onde o passado é recontado e resguardado

¹ Durante esse ano (1927), também aconteceu um evento que marcou de forma permanente a história da cidade, o primeiro voto feminino, que ocorreu no dia 25 de novembro do ano referido, pela professora Celina Guimaraes Viana, contudo, as divergências sobre esse episódio formam no meio historiográfico, um embate bastante criterioso de ideários sobre os motivos reais que Celina Guimaraes tinha para votar, para uma discussão mais ampla, ver: CARVALHO, Sadraque Micael Alves de. **Um lugar (in)existente: o “pais de Mossoró” nas tramas da consciência histórica**. UFRN, 2012. (Dissertação de Mestrado)

² Em suma, a discussão entorno de uma memória estilhaçada, encontra-se na obra de Lucette Valensi, que por sua vez, nos faz identificar o quanto necessitamos dos “lugares de memória” para que possamos lembrar do que tanto se faz esquecer. Ver: VALENSI, Lucette. **Fábulas da Memória: a batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo**; tradução Maria Helena Franco Martins. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

³ HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das letras, 1998. p. 22.



por locais que possuem valor simbólico, bem como patrimonial para essa cidade. Devido ao rememorar, os lugares de memória fortificam-se de forma expressiva. De acordo com Pierre Nora, nos encontramos em um

momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória.⁴

A manutenção da memória tornou-se uma preocupação concernente de nossa sociedade. Os lugares são criados e o uso que é dado a estes se baseia nas necessidades do presente.

Em Mossoró, espaços como o Museu Histórico Lauro da Escóssia e o Memorial da Resistência caracterizam-se, primordialmente, por suas representatividades. São lugares que “a cultura material é elaborada, exposta, comunicada e interpretada,”⁵ onde os objetos que estão à mostra preservam e perpetuam um passado. Contudo, “os fragmentos do passado não podem ser vistos apenas como peças que reproduzem suas utilidades originais, mas como objetos que devem ser pensados e relacionados criticamente a outros objetos do presente”⁶. Dessa forma, pensamos estes espaços como difusores do passado, mas que se relacionam com as inquietações do presente. O surgimento destes evidencia o desejo de guardar não apenas simples objetos, mas o que estes simbolizam para seu povo.

Entramos, então, na trama da história sobre a resistência do povo mossoroense ao bando de Lampião. O foco será apresentar o uso da memória a favor do enobrecimento identitário, assim como a transformação de um fato histórico em mercadoria vendável, por meio de políticas públicas no campo do turismo. Destarte, compreender a simbologia e as representações sobre a resistência, e a figura do próprio cangaceiro, que aparece em determinado momento como herói e em outro como bandido, torna-se uma das prerrogativas deste trabalho, buscando entender os combates pela história⁷ do cangaço e seu uso em Mossoró.

⁴ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. IN: LE GOFF, Jacques. **História: novas abordagens**. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 7.

⁵ BREFE, Ana Cláudia Fonseca. **Museus Históricos na França: entre a reflexão histórica e a identidade nacional**. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo. Nova Série. v. 5. – jan./dez. 1997. p. 190.

⁶ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento)**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. Nova Série. Nº 1. 1993. p. 213.

⁷ Este conceito, retirado do livro de Lucien Febvre, com o mesmo nome “combates pela história,” nos faz pensar sobre os embates entorno da história de um povo, cidade e região, a qual, é em nosso contexto, uma forte arma que concede poder, virtude e glória. A história, agora é lembrada com imponência, tornando-se de grande importância, para os que, através dessa, buscam rememorar acontecimentos importantes e fazer “esquecer” outros, que julgam não a ter. Veja: FEBVRE, Lucien. Profissões de fé à partida. In: _____. **Combates pela história**. Lisboa: Editorial Presença, Lda. 1989.



Banditismo e Heroísmo: Antagonismos que perfazem a imagem do cangaceiro

Estamos situados em uma região bastante rica em história, cercada por crenças e superstições, o povo que aqui habita serpenteia entre as veredas da seca, da diversidade cultural, da fome e dos conflitos sociais. Contudo, devemos pensar a região que hoje é denominada de Nordeste, baseando-nos nas arguições de Durval Muniz de Albuquerque Júnior,

A região é produto de uma batalha, é uma segmentação surgida no espaço dos litigantes. As regiões são aproveitamentos estratégicos diferenciados do espaço. Na luta pela sua posse. Na luta pela posse do espaço ele se fraciona, se divide em quinhões diferentes para os diversos vencedores e vencidos; assim a região é o botim de uma guerra.⁸

Diante dessas questões, entendemos que há uma conotação política existente através do discurso de região. Nesse sentido, devemos pensar além da geografia e espacialidade, pois as fronteiras territoriais possuem um caráter eminentemente histórico. O nordestino é associado, em muitos casos, à pobreza, ao atraso intelectual e aos demais sinônimos que são vinculados, em sua maioria, ao problema da seca.

Nesse contexto de instabilidade social, onde as questões climáticas afetam a maneira de viver e de se relacionar, surge o cangaceiro que traz consigo uma dicotomia: vistos por uns como foras da lei (bandidos) e por outros como heróis e justiceiros. Eles fomentam ideários e firmam-se na história como personagens controversos, aumentando, com isso, a série de discussões que se formulam, buscando compreender as motivações para o ingresso em uma vida de penúria e agitações, a qual espreitava cotidianamente a morte.

Pensar numa figura emblemática e dúbia como o cangaceiro é algo bastante desafiador, mesmo em meio ao extenso material formado e já discutido. As implicações que essa personagem tem para a história e sua relação atual, em diversos estados, com a cultura e a economia, nos faz pensar em como as autoridades públicas, com suas políticas expansionistas, tem usufruído da memória do cangaço e as transformado, de forma furtiva, em um meio rentável, atrelando-a a economia local. Assim, o capital simbólico⁹ que tramita essa temática tem se tornado um agente solidificador das mais variadas formas de expansão do poder e contribuído para a disseminação de

⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4 Ed. Ver. São Paulo: Cortez, 2009. págs. 25 e 26.

⁹ Capital simbólico, refere-se ao simbolismo e ao que personagens e até mesmo objetos, possuem de representativo para um determinado povo. Dessa forma, entender a simbologia que se encontra em figuras como os cangaceiros torna-se crucial para compreender como estas (simbologias) criam os mais variados discursos sobre estes e como, mesmo distantes temporalmente, ainda permanecem vivos na história e memória do povo. Para compreender sobre o capital e trocas simbólicas, ver: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo. Martins Claret. 2007.



remanescentes escolhidos, datados e fixos, os quais possuem um fim já traçado: o de lembrar para não esquecer.

O cangaço é reconhecido nas produções que se destinam a analisá-lo como um tema de evidente importância para a história da região Nordeste do Brasil, visto que esse reporta-nos para questões de suma importância da nossa história, como seca, conflitos sociais e divergências políticas. Com isso, inúmeras obras buscam explicar o que esse fenômeno foi e os desdobramentos que teve na sociedade e na História. Em meio a tantos trabalhos de excelente discussão, torna-se difícil elencar os melhores. Desse modo, uma visão ampla nos será necessária para buscarmos pontuar o que se entende de cangaço e como o cangaceiro é visto, assim como, entender a influência dessa figura na construção cultural do nosso tempo.

Nas obras de cordel, por exemplo, é visível a construção de heroísmo a figuras como Lampião, Jesuíno Brilhante, Corisco, dentre outros, que firmaram seus nomes através dos seus atos. Mark Curran nos mostra isso:

O cangaceiro é o herói por excelência (...). Nas obras cordelianas contemporâneas, é visto como o tipo heroico legítimo, maior do que a vida, verdadeiro cavaleiro do sertão (...) Mais do que em qualquer outro tema do cordel, vê-se aqui o processo folclórico de idealizar a realidade, convertendo-a em mito ou lenda.¹⁰

Vemos o enaltecimento sobre os atos dos cangaceiros por cordelistas, esse tipo de trabalho criou e ainda produz, nos dias atuais, uma expansão na história desses sujeitos, onde muitos ideários sobre os bandos de cangaceiros são criados, fomentando um olhar de admiração e fascínio em relação aos eventos perpetrados por esses. De fácil acesso, essas produções espalham-se rapidamente, e suas narrativas, carregadas de eufemismos e atenuações, tornam-se ferramentas que engendram apreensões e perpetuações de conotações bastante pretenciosas, onde muitas vezes, o enobrecimento do cangaceiro, evidencia o desconhecimento real das ações destes bandos.

Mediante aos imagéticos em torno do cangaceiro, encontramos diferenças entre os bandos. Lampião com sua trupe são considerados, em muitas obras, como os mais cruéis e temíveis, odiáveis por não fazerem diferença entre rico e pobre, maltratando e desonrando quem quer que fosse, no intuito de poder e reconhecimento. Na obra de Frederico Pernambucano de Mello (2004), encontramos uma distinção importante entre os vários bandos formados e os seus principais representantes, como é o caso, por exemplo, de Jesuíno Brilhante, conhecido também como o cangaceiro romântico,¹¹ o qual ao lado de Antônio Silvino e Sinhô Pereira, agiam de forma benigna,

¹⁰ CURRAN, Mark J. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: Editora da USP, 2001. p. 61

¹¹ O principal percurso dessa ideia de romantismo sobre o cangaceiro Jesuíno Brilhante foi Raimundo Nonato, o qual, defendia o pensamento de bom caráter desse cangaceiro, o qual, era muitas vezes visto como justiceiro, e defensor dos



visando, segundo Frederico Pernambucano, apenas os ricos e se vingar dos que os impulsionaram a adentrarem na vida do cangaço.¹² Há com isso, um rompimento nas tradições, onde os precursores do cangaço no Nordeste dão lugar ao famigerado Lampião, que com seu bando cruento trazia terror e atiçavam a contenda.

Os embates sobre o cangaceirismo certamente se estendem por longos anos, mesmo diante de um extenso arsenal de obras, as concordâncias e divergências estendem-se amplamente e com isso, construções e desconstruções serão corriqueiras. Todavia, deve-se pensar o sujeito histórico que se encontra por trás do já produzido conceito de cangaço que, ao englobar todos em um único parâmetro, muitos se esquecem de contextualizar esse indivíduo dentro do seio social que lhe amparava, dissociando-o das convergências políticas e econômicas que se aglutinavam. Porém, em muitos casos, a concepção e perpetuação de um cangaceiro sanguinário e impiedoso se dá para que sua imagem possa tomar mais vigor e o seu simbolismo esteja ligado ao bandido, aquele que deve ser impedido, resistido e vencido. Nessa última linha de interpretação, voltamos nosso olhar para Mossoró e para as obras que foram produzidas e circundam o imagético de seus habitantes e dos seus produtores culturais.

Intelectuais mossoroenses: o cangaceiro cruento e desalmado

Em Mossoró, várias narrativas trazem o cangaceiro como vilão, evidenciando uma preocupação de formar uma imagem única deste indivíduo. Nessa premissa, o papel do intelectual viria conclamar ideários já formados e firmados: o cangaceiro como figura intransigente e sanguinária. Quando olhamos para a história de Mossoró, somos impulsionados a refletir no papel desempenhado pelas elites locais, em especial a intelectual, haja vista sua preocupação tanto na produção da história quanto na conservação da memória.

Nesse sentido, os intelectuais passam a serem vistos como sujeitos que refletem sobre a história da cidade sob diversos ângulos, fomentando ideários e denotando suas visões sobre as diversas áreas do corpo social. Dentro desse contexto, os intelectuais exercem forte influência em seus leitores e na sociedade como um todo, pois, segundo Edward Said, esse indivíduo tem vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou

pobres. Ver: NONATO, Raimundo. **Jesuíno Brillhante- O cangaceiro Romântico(1844-1879)**. Editora Fundação Guimarães Duque, Coleção Mossoroense Série “C”, Volume 1529. Edição 3°. 2008.

¹² Os três cangaceiros citados, Jesuíno Brillhante, Antônio Silvino e Sinhô Pereira, são anteriores a Lampião, o que traz à tona debates acalorados na historiografia sobre o rompimento que houve na tradição dos cangaceiros quando Lampião assume o posto do mais violento e temível cangaceiro. Ver: MELLO, Frederico Pernambucano de. 2004. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. Prefácio de Gilberto Freyre, São Paulo: A Girafa Editora.



opinião (e também por) um público¹³. Essas influências determinam o que deve ser eternizado ou esquecido, construído ou destruído, na relação entre a história e a memória. Dessa feita, o intelectual, nesta perspectiva e pensando em Mossoró, seria o sujeito letrado que, reconhecido pelos populares e a elite, poderia através de sua narrativa representar as convicções desses, tornando-se um expoente detentor do discurso verdadeiro.

Diante do exposto, variados escritos circularam em Mossoró sobre o cangaço e a relação desse fenômeno com a cidade, todavia, duas obras, ímpares, são as mais lidas e aclamadas, tanto pelos munícipes, como pela elite letrada e política da cidade. A primeira, de Raul Fernandes, *A Marcha de Lampião: Assalto a Mossoró*¹⁴, e a segunda de Raimundo Nonato, *Lampião em Mossoró*¹⁵. Esses autores são considerados intelectuais locais, o primeiro, Raul Fernandes, era filho do prefeito no período em que houve a tentativa de assalto por parte do bando de Lampião, Rodolfo Fernandes. Baseia sua obra em uma descrição minuciosa, que vai desde a entrada de Lampião no Estado do Rio Grande do Norte e sua ferrenha passagem pelas cidades até a tentativa frustrada do assalto a cidade de Mossoró. Já Raimundo Nonato, não diferente de Raul Fernandes, centra sua narrativa nos relatos que circulavam entorno da fama de Lampião, o temido cangaceiro, chegando, por fim, na resistência vitoriosa do povo mossoroense. Através das obras citadas nota-se um simbolismo em torno da resistência, construído sobre a figura do cangaceiro que aparece em tais narrativas como fora da lei e facínora. Rodolfo Fernandes busca mostrar que Lampião não lutava por um ideal e nem por justiça, seu objetivo, ao contrário, era ser bem-sucedido em decorrência dos roubos que efetuava. Assim, a formulação de um bandido a ser resistido vai sendo fabricada, onde seus feitos denotam uma afronta ao civilismo, precisando, com isso, ser impedido e vencido. Em meio a estas assertivas, devemos buscar compreender como a resistência ao bando de Lampião consegue se firmar entre um dos alicerces econômicos da cidade de Mossoró, destarte, as representações que se aglutinam adjacentes ao fato não são obras do acaso. Na verdade são criações, pois

as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.¹⁶

¹³ SAID, Edward W. **Representações do Intelectual**: As Conferências Reith de 1993. São Paulo, Companhia das Letras, 2005. p. 25

¹⁴ FERNANDES, Raul. **A Marcha de Lampião-Assalto a Mossoró**. Mossoró (RN): Fundação Vingt-un Rosado (Coleção Mossoroense) volume 1488 Projeto Rota Batida II, 6ª Edição, 2005.

¹⁵ NONATO, Raimundo. **Lampião em Mossoró**. Coleção Mossoroense. 5ª Edição. 1998.

¹⁶ CHARTIER, Roger. **A História Cultural – Entre Práticas e Representações**. 2ª ed. DIFEL, 1988. p. 21.



Com isso, observamos que no meio social a construção das representações perpassam pelo filtro do interesse de um grupo que, para obter poder ou para mantê-lo, se utiliza dessas para solidificarem seu mando, onde a premissa parte de um objeto ausente, mas com uma imagem presente. No caso de Mossoró e sua resistência, temos a ausência do ocorrido em seus ditames reais, porém, as imagens que fincaram-se neste solo passam por mãos que, através da mutação da memória, criam estratégias lucrativas e rentáveis, transformando o acontecimento em mercadoria.

O discurso que iria se firmar no imagético local, advindos dos escritos de Raul Fernandes (sua obra é datada do período em que houve a tentativa de assalto, ou seja, 1927) e Raimundo Nonato (obra datada de 1955), viriam novamente a serem utilizados durante a comemoração do cinquentenário da invasão, no ano de 1977. Tal data é crucial para se entender os investimentos iniciais no campo do turismo, quando se buscava, já nesse momento, uma interação entre o município e o próprio Estado, buscando colocar Mossoró como uma cidade turística e iminentemente histórica.

Dessa feita, o momento em que floresce o discurso de resistência, incitando o enobrecimento identitário, possui suas ligaduras com as décadas de 1970 e 1980. Firmados sob a égide dos escritos póstumos de Raul Fernandes e Raimundo Nonato, em reedições que buscavam, sobretudo, mostrar que a história de Mossoró não pode morrer e nem ser esquecida. Nesse interim, esses intelectuais, se utilizando da memória, buscam massificar e cristalizar uma visão uniforme e homogênea sobre o cangaceiro, tornando-o tirânico e hediondo. Todavia, essas imagens possuem proeminência para os que se utilizam dessa para padronizar uma percepção, uma perspectiva, ou aspiração sobre o passado. A memória entra em jogo e seu uso é maciçamente estimulado para fins e desígnios próprios em Mossoró.

Espaços que evocam a memória: O Museu e o Memorial

Os espaços que formam uma cidade não se restringem ao concreto que foi usado para erguer prédios e alicerçar vigas, nem ao árduo trabalho de profissionais que investiram tempo em construções urbanas. Na verdade, podemos pensar esses espaços com outro olhar: perscrutando a subjetividade e representatividade de práticas e experiências que estão ligadas aos sujeitos que ao longo dos anos as produziram e as vivenciaram. Devemos refletir não apenas no material que está ali à mostra, mas também no subjetivo, no imaterial. Os rituais, as manifestações e as imagens fazem parte de um patrimônio imaterial que podemos nomear de herança simbólica. Dessa forma, deve-se pensar sobre a construção, mantimento e perpetuação desses espaços não apenas como coadjuvantes na paisagem urbanística de uma cidade, mas como refletores de um passado que trazem conotações vividas para o presente.



Espaços que têm como característica principal guardar os remanescentes do passado são utilizados, em muitos casos, para criar ou solidificar ideários sobre grupos que estão no poder. Dessa forma

[...] esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar as identidades de uma comunidade.¹⁷

Entende-se, com isso, que o uso desse passado se relaciona com a ideia de uma identidade, a qual as gerações futuras podem recontar e rememorar. Dito isso, os espaços que “guardam” essa memória são instrumentos históricos utilizados pelo poder público para proclamar um acontecimento escolhido e modificado, quando preciso, pois conforme Le Goff assinala:

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam (...) Os esquecimentos e silêncios da História são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva.¹⁸

Portanto, por meio dos espaços de memória, os detentores de um passado ratificado elaboram seus planos e atos concernentes ao presente para implementarem sua política de dominação e firmarem-se no poder.

Dentro do cenário exposto, percebe-se as confluências em torno dos lugares de memória na cidade de Mossoró. Este município possui um emaranhado de monumentos que fazem parte da consciência histórica de cada cidadão. Podemos citar como exemplo os monumentos que invocam a memória da abolição da escravidão nesta cidade¹⁹, como: “o monumento do Pantheon dos Abolicionistas e a Estátua da Liberdade. Além desses, as ruas, praças e logradouros públicos e os eventos espetaculares como o Auto da Liberdade e os desfiles públicos”²⁰. A identidade que tramita entre estes espaços evidencia o louvor dado ao fato, existindo um sentimento de

¹⁷ CHOAY, Françoise, 1925 – **A alegoria do patrimônio** / Françoise Choay : Tradução de LucianoVieira Machado. Ed. – São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006. p. 18.

¹⁸ LEE GOFF, Jacques. 1924 – **História e Memória**. 5ª Edição, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 422

¹⁹ A cidade de Mossoró, foi a primeira no Estado do Rio Grande do Norte a engendrar a abolição dos escravos no ano de 1883. Esse acontecimento ganha vultosa importância devido ao fato de ter ocorrido 5 anos antes da abolição dos escravos através da Lei Aurea, assinado pela princesa Isabel no ano de 1888. Porém, este acontecimento, assim como os demais que firmam-se na memória mossoroense, fazem parte de um investimento por parte do poder público, em manter vivo não apenas o ocorrido, mas os seus benefícios para a economia local, como fica evidente na fala de Emanuel Pereira Braz (1999): “As comemorações do 30 de Setembro em Mossoró, tem envolvido a cada ano, esforço os mais variados, desde investimentos que o poder local faz, como o apoio individual e coletivo que tem conquistado no sentido de ampliar cada vez mais a realização desta festividade”. (BRAZ, 1999.p 92) Para uma discussão mais profícua e densa, ver: BRAZ, Emanuel Pereira. **A Abolição da Escravidão em Mossoró: pioneirismo ou manipulação do fato**. 1º ed – Mossoró, RN: Fundação Vingt-um Rosado, 1999.

²⁰ SANTOS, Antônia Edneuma dos. **A construção do discurso de liberdade a partir dos elementos emblemáticos mossoroense**: Reflexões sobre a seleção e apropriação do patrimônio material e imaterial abolicionista. Disponível em:[<http://www.rn.anpuh.org/evento/vech/ST02>] Acesso: 25 set 2015.



pioneirismo, resguardando a glória e pujança inerentes a esse acontecimento. Não obstante a abolição, encontramos nessa cidade monumentos que lembram a vitória do povo mossoroense sobre Lampião e seu bando. A resistência é louvada, perpassando por entre décadas como um dos acontecimentos mais verossímeis e dignos de ser lembrado por esse povo.

Podemos citar a importância do Museu Histórico Municipal Lauro da Escóssia, criado no ano de 1948²¹, no que concerne à preservação de objetos referentes ao cangaço e sua ligação com Mossoró. Nesse espaço encontramos diversos utensílios que remetem à imagem do cangaceiro, mostrando suas vestimentas, suas armas, e livretos dos mais variados tipos literários. Dessa feita, devemos pensar o papel do Museu na construção do conhecimento e na perpetuação da memória, pois, de acordo com Marcílio Lima Falcão:

O Museu surge como espaço em construção, quer pela ação dos diretores, quanto à organização e exposição dos objetos, quer pelas atitudes dos visitantes em relação ao que se observa. Seu papel social não se restringe a guardião do passado, mas incita a reflexão sobre a importância social e simbólica dos objetos nas experiências e relações sociais das sociedades em que estavam inseridos.²²

À vista disso, podemos pensar o Museu Histórico Municipal de Mossoró como um remetente do passado, pois a maneira que a organização do acervo se encontra, assim como o papel social que este espaço ocupa no ideário municipal, o torna um fabricante e reproduzidor da memória sobre a resistência ao bando de Lampião²³, concretizando, dessa maneira, um ideário sobre um passado bastante exitoso.

A criação do Museu Municipal de Mossoró aconteceu no ano de 1948, a partir da fundação da Biblioteca Municipal, durante a gestão de Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia. Em relação ao seu acervo, vários artefatos nos chamam atenção, como por exemplo os objetos líticos e cerâmicos²⁴, assim como os exemplares dos jornais *O Mossoroense*, *O Nordeste* e o *Correio do Povo*²⁵. Estes jornais são de suma importância na construção imagética sobre os acontecimentos relacionados ao cangaço, pois além de citarem esse evento, eles mapearam a trajetória dos cangaceiros em solo

²¹ O Museu Histórico Municipal Lauro da Escóssia, criado no ano de 1948, tinha como objetivo inicial preservar objetos arqueológicos e paleontológicos. Todavia, devido a procura e ao material extenso referente ao cangaço e outros eventos ocorridos na cidade, o Museu mudou sua finalidade, tornando-se um dos expoentes da memória do cangaço.

²² FALCÃO, Marcílio Lima. **JARARACA**: memória e esquecimento nas narrativas sobre um Cangaceiro de Lampião em Mossoró. Mossoró: UERN, 2013, p. 99.

²³ _____ . **JARARACA**. p. 99.

²⁴ Segundo Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da Silva, o Museu Histórico Municipal de Mossoró, possui a coleção mais antiga e uma das mais expressivas do Estado, no tocante a objetos líticos e cerâmicas. Os artefatos que se encontram nesta coleção são aquisições advindas das mesorregiões do Agreste. Sendo assim, o Museu de Mossoró torna-se um dos mais importantes para o Estado em relação a arqueologia e paleontologia. Para uma compreensão mais abrangente sobre a divisão e os materiais que compõem a coleção do Museu, ver: SILVA, Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da. **A “Estratigrafia do Abandono” em dois museus públicos potiguares**. O público e o privado – n.º. 12 – Julho/Dezembro – 2008. p. 64.

²⁵ FALCÃO. **JARARACA**. p. 103.



norte-rio-grandense, trazendo informações que hoje são utilizadas em diversos trabalhos, tanto de cunho acadêmico como pesquisas afins.

Através de um mapeamento detalhado dos visitantes do Museu, desde o ano de 1979 até 1985 e 2007 até 2013, percebe-se que grande parte daqueles que caminham por este espaço de conservação da memória são estudantes de escolas privadas e públicas. Outra grande parcela é composta por estudantes universitários (principalmente dos cursos de História, Turismo e Pedagogia).²⁶ Essas visitas evidenciam a preocupação vigente de se conhecer o passado. Destarte, é crucial a fomentação de discussões que percebam a tramitação da memória, suas mudanças e os usos que são atribuídos a ela. É preciso haver uma reflexão sobre como as informações que são repassadas, através das imagens presentes nesses espaços, são construtoras de uma identidade, que irão se proliferar até as gerações futuras.

Ainda em consonância com o mapeamento feito, percebe-se um fluxo alto de visitas durante o mês de junho. Esse mês é fundamental para se entender a importância que é dada a esse lugar, pois faz parte da cultura mossoroense a celebração da resistência contra o bando de Lampião através da peça *Chuva de Bala no País de Mossoró*. Tal “peça tem como objetivo encenar os fatos antes e durante a tentativa de assalto, até a morte do cangaceiro Jararaca, anunciando, assim, uma vitória esmagadora sobre o bando, mostrando o valor da resistência”²⁷. Assim, em meio às festividades juninas que se passam durante esse mês, a visita ao Museu Municipal de Mossoró torna-se uma das referências mais requisitadas pelos turistas, trazendo rentabilidade financeira aos comerciantes locais.

Um segundo lugar existente na cidade de Mossoró que evoca a memória sobre o cangaço e a resistência empreendida pelo povo mossoroense é o Memorial da Resistência, inaugurado no ano de 2008. Como o nome sugere, trata-se de um espaço para resguardar a memória do feito da resistência para as gerações futuras, assim como para conclamar a coragem, fomentando a identidade de um povo valente, aguerrido e vencedor. Salientando, assim, os joguetes que surgem por trás de um edifício, onde sua simbologia está intrinsecamente ligada a um passado histórico que não pode ser esquecido.

²⁶ O presente mapeamento fez parte de um dos objetivos do projeto de pesquisa “*Labirintos da Memória: os intelectuais e a construção da memória sobre o cangaço em Mossoró*” sob coordenação do Professor Dr. Lemuel Rodrigues da Silva, que teve duração de dois anos (2013 – 2014).

²⁷ ALVES, Antônio Robson de Oliveira. História e Memória: Um novo ideário sobre o cangaço em Mossoró. In: II **SEMANA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA E INOVAÇÃO DA UERN**, 2014, Mossoró. X Salão de Iniciação Científica da UERN. Mossoró: Edições UERN, 2014. v. 10. p. 17.



Dessa maneira, o Memorial da Resistência surgiu como um espaço que pudesse transmitir e fazer circular a memória da resistência. Em detrimento do Museu que é um espaço fechado, o memorial seria aberto em um lugar privilegiado onde o turista teria fácil acesso. Assim, sua visibilidade foi pensada para atrair os olhares. O Memorial faz parte, então, de um projeto de urbanização da Prefeitura de Mossoró. Sua localização ficaria no centro da cidade, onde a circulação de visitantes é bem maior. Com isso, este projeto une, na sua essência, os interesses do mercado de eventos e do turismo. Na verdade, o Memorial fazia parte de um plano ambicioso denominado *Corredor Cultural* que, nas palavras de Marcílio Lima Falcão:

Esse espaço (corredor cultural) é composto de diversos equipamentos ao longo da Avenida Rio Branco. A avenida foi, durante os governos Rosalba (1997-2004) e Fafá Rosado (2005-2008), um espaço privilegiado para a urbanização da cidade. Aí, foi utilizado o lugar da antiga Estação Ferroviária para a construção de um espaço que incorporou a Feira do Vuco-Vuco e agregou as chamadas praças de Convivência, Eventos, Esporte e Lazer; o Teatro Dix-Huit Rosado, a Estação das Artes Elizeu Ventania e o Memorial da Resistência.²⁸

Essas descrições nos auxiliam a entender o objetivo real dessa obra: o de angariar turistas, arrecadar impostos através do comércio que cresceria e situar a cidade, entre as mais belas do Estado, no tocante ao urbanismo.

Nessa perspectiva, a memória que estaria sendo revivida não tem o intuito de ensinar e educar, ao contrário, o feito da resistência é retomado e recontado para que através desse se solidificasse o ideário de cidade da resistência, rótulo que perfaz o ideário local e é usado como mercadoria de venda nesta cidade. Percebe-se também o constructo que emana das fotografias e banners que fazem parte da galeria do memorial, onde através dos relatos enunciados nas imagens, os cangaceiros, temidos e odiáveis, não quiseram reconhecer a pujança do povo mossoroense, atacando-os, mas sendo massacrados por uma resistência vivaz.

Com isso, podemos inferir, aos objetivos do poder público da cidade de Mossoró, uma preocupação em um aumento da economia. Contudo, vale ser salientado que esta inquietação não pode ser observada em um âmbito que agregue todas as camadas da cidade, ao contrário, é visível que o uso desse corredor cultural é feito por uma parte dessa população. Como disserta Carla Yara Soares de F. Castro:

A oferta dos serviços de lazer nos espaços públicos de Mossoró, notadamente o complexo formado pelo *corredor cultural*, que deveria ser um espaço de convívio da coletividade e do diálogo entre os mais diversos segmentos da população de uma cidade, tem excluído os das camadas sociais de menor poder aquisitivo ao inserir serviços de consumo, cujos valores monetários estão além das condições desse segmento populacional. No final, quem lucrou com os serviços oferecidos

²⁸ FALCÃO. JARARACA. p. 125.



foram as elites com base econômica, política e simbólica para sustenta-las socialmente.²⁹

Assim, com a criação de políticas públicas que geram um arrecadamento alto para a prefeitura, notamos uma disparidade para com os demais cidadãos que, como contribuintes, têm todo o direito de utilizarem o corredor cultural. Porém, as “paredes” imagéticas e simbólicas, impossibilitam esse uso. Tal fator mostra que os interesses estão nas mãos de poucos.

Mediante a discussão que se seguiu, notamos um evidente investimento do poder público da prefeitura de Mossoró, no que concerne ao turismo, para que através da memória, evocada por lugares singulares, possa haver uma construção identitária, assim como, um alargamento na economia, que se firma entre uma das maiores do estado. Certamente, esse investimento é feito de maneira pensada e organizada por cabeças que pensam em um enobrecimento civil, mas também em ganhos na economia local.

Entendemos que o investimento em Mossoró está centrado, principalmente, na área do turismo e mais especificamente no turismo cultural. Essa área tem como vetor indispensável a figura do turista e a sua relação com a história da cidade está alicerçada nos mitos e reelaborações da memória. Nesse sentido, os eventos do passado iriam se aglutinar com o presente, tornando vívidas as nuances perpetradas pelos atores que viveram as peripécias do tempo. O presente tem que ceder o palco para o passado, devendo proceder em conformidade com a história avultada que se processou nas vicissitudes do tempo.

O passado resguarda a história de bravura, pioneirismo, coragem e intrepidez dos mossoroenses. O sentimento de historicidade conclama ideários de robustez para esse povo que, dentro dessa convicção, exacerbam e expandem itinerários sobre sua história. Com essa altivez, a memória desse passado deveria contribuir com o presente e conferir rumos para o futuro. Dentro dessa expectativa, o passado deve servir não apenas como algo inerte e sem utilidade, ao contrário, deve ser lembrando e, com seus remanescentes, contribuir na expansão territorial (essa cidade não poderia se restringir às demarcações espaciais e por isso a memória transcende essa assertiva, adentrando a outros lugares com as histórias recontadas), ampliação na economia (as memórias devem ter um lucro), assim como na própria identidade do povo. Com esse olhar, o poder público interfere no processo de construção da memória, intervindo e se apropriando dessa para fomentar

²⁹ CASTRO, Carla Yara Soares de F. **O Corredor Cultural: espaço de materialização da exclusão social em Mossoró-RN**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, Natal, 2012, p. 127.



políticas que se utilizariam desse passado para engendrar projetos para o presente e firmar pretensões para o futuro.

Considerações Finais

No dia 14 de Janeiro de 1977 uma matéria no jornal *O mossoroense* parecia ser distinta das noticiadas até então, a qual, em sua íntegra nos informa o seguinte:

Turismo em Mossoró?

Falar de turismo em Mossoró, só com muita boa vontade. E alguma dose de romantismo. Chega a ser agradável, para nós, o simples pensar que a administração municipal conta com uma assessoria de turismo. Para cuidar dos assuntos turísticos da cidade. A que algumas empresas especializadas do sul do país, chegam a incluir Mossoró no seu roteiro de viagens pelo Brasil.

Não é gratificante?

Mas é só o que existe e nada mais. Porque, para falar a verdade, nada há aqui ainda o que um turista ver. E se não há nada é porque nada ninguém fez, até hoje³⁰.

A matéria mostra uma crítica feita ao poder público municipal em relação ao desprezo e falta de empenho em criar instrumentos de incentivo ao turismo. É postulado, também, a falta do que se ver em Mossoró, ou seja, o que o turista vislumbraria nessa cidade? Dentro dessas pontuações, a indignação é finalizada sob a afirmativa de nada ter sido feito até aquele momento para sanar aquela situação.

Diante dessa assertiva, no mesmo ano da matéria 1977, haveria um conciso investimento por parte de uma elite política e intelectual que construiria para Mossoró um legado de conceitos que adentrariam ao ideário municipal e até estadual. Uma cidade singular que ultrapassa os limites espaciais definidos pela geografia, que ganha o título de “cidade da resistência”, mas que resistência é essa? Resistência ao efeito temporal do esquecimento? Resistir aos descaminhos da contemporaneidade? Ou ainda, uma resistência ao futuro, o qual é obscuro e por isso precisa-se alicerçar-se no passado? A resistência postulada emerge não apenas como algo para se lembrar do passado, mas que possui reflexos no presente e suas dissoluções incutem incertezas e dúvidas.

E Mossoró, mesmo dentro de um estado, tornou-se pela intrepidez do seu passado, um enclave. Não é uma cidade, mas um “país”. Sua distinção é outorgada por causa de sua história. Todavia, as demais cidades do Rio Grande do Norte também possuem história, contudo, em Mossoró, essa história é cristalizada e massificada, pensada e arquitetada para a posteridade. A construção sobre os vários momentos de pioneirismos alude uma concisão de um passado vultoso

³⁰ Autor desconhecido. Jornal “**O mossoroense**”. 14 – 01 – 1977.



e o dever do povo mossoroense é conclamar essa história, pois ela exhibe a vitória de um povo aguerrido e corajoso.

Esses ideários passaram por um processo de construção. A qual dividiu-se nesse trabalho em três momentos: o primeiro, que versou sobre as décadas de 1970 e 1980, as quais são cruciais no que concerne a estruturação de uma memória oficial sobre o cangaço em Mossoró, passando pela escrita e formulação de uma elite distinta, a intelectual. O segundo, a efetivação dessa memória através de espaços *sui generis*, os quais chamamos de lugares de memória e denotam a veracidade do passado, pois através do alicerce de uma estrutura física, esse passado não é apenas um ato subjetivo, mas agora, objetivo e material. O terceiro, e não menos importante, a consumação dessa memória em políticas públicas no campo cultural, pois o investimento nesse passado deve trazer benesses para o presente e postular caminhos para o futuro.

A escrita da história, como infere Albuquerque Júnior, em uma discussão singular sobre teoria da História, é um parto difícil³¹. Consoante a essa afirmação, confirmo nesse trabalho as dificuldades que se arregimentam em discutir História e Memória. Nesse sentido, os caminhos que foram percorridos e seguidos durante a feitura dessa pesquisa, evidenciam o olhar que tenho para com a História, entendendo que essa possui particularidades indispensáveis para o saber humano. Diante disso, esse trabalho violou memórias, e buscou torná-las fecundas à nossa compreensão.

Esse trabalho buscou através de teóricos e pesquisas nos arquivos públicos, uma compreensão das diversidades e confluências entorno das ações públicas da prefeitura de Mossoró/RN no tocante ao turismo e o uso da memória para enobrecimento identitário. Destarte, a preocupação que nos mantém firmados na busca por fontes e um aprofundamento no assunto é compreender como essas ações tem usado a memória para fins próprios, não se atentando a historicidade real que emana dessa.

³¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado – Ensaios de teoria da história. 1 ed. Baurú: EDUSC, 2007.